

# O CONTADOR DE HISTÓRIAS: uma nova profissão? *THE STORYTELLER: a new profession?*

Felícia de Oliveira Fleck - [feofleck@yahoo.com.br](mailto:feofleck@yahoo.com.br)  
Mestranda em Ciência da Informação – PGCIN/UFSC

## **Resumo**

O presente artigo discorre sobre o reaparecimento do contador de histórias, em sua configuração contemporânea, a partir das últimas décadas do séc. XX. Mostra o que vem acontecendo, principalmente em Florianópolis, em relação a esse movimento. Apresenta as características básicas do seu trabalho e se propõe a analisar se este novo fazer se enquadra nas definições de “profissão” expostas por alguns teóricos da sociologia das profissões.

**Palavras-chave:** Contador de histórias. Profissões. Narração oral.

## **1 INTRODUÇÃO**

A figura do contador de histórias reapareceu com grande vigor nas últimas décadas do século XX, havendo um verdadeiro *boom*, com a ampliação do número de pessoas interessadas em aprender técnicas desta ocupação.

Além disso, há uma nova demanda, principalmente das instituições escolares pela “contação de histórias” (neologismo referente ao ato de contar histórias): abre-se espaço no currículo escolar para um horário próprio para esta atividade.

Há ainda um estímulo pela capacitação de professores e bibliotecários escolares a incorporarem essa prática no seu cotidiano e, não raro, contratam-se pessoas especialmente dedicadas a realizar esta tarefa.

Barcellos e Neves (1995) afirmam que a criança que ouve histórias com frequência “educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente, aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento”.

A contação de histórias possibilita ainda, na visão de Umbelino (2005, p. 7 e 19), o estímulo à imaginação, o acesso às diferentes culturas e o convívio com o outro. Além disso, a narração de histórias na escola também tem uma função de “animação de leitura” (ORTIZ, apud UMBELINO, 2005, p. 25), ou seja, é possível que ouvir histórias desperte o gosto pela leitura, embora nem sempre isso seja alcançado.

Será este efêmero modismo ou ocupação que, pouco a pouco, toma corpo e vem se organizando rumo à profissionalização?

Tendo essa pergunta como ponto de partida, apresento algumas definições da sociologia das profissões; enfoco características básicas dos contadores de histórias e o que vem acontecendo especialmente em Santa Catarina, em relação a esse movimento. Espero, assim, tentar responder à pergunta título do artigo, motivada pelo interesse no desenvolvimento profissional dos contadores de histórias, do qual também faço parte.

## **2 PROFISSÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO**

Os teóricos da sociologia das profissões ainda não chegaram a um consenso em relação à definição de termos como “profissão”, “profissionalização” e “profissionalismo”, bem como entre as diferenças entre “profissão” e “ocupação”.

De maneira geral, pode-se dizer que profissional é aquele que realiza tarefas numa troca de mercado por meio da qual ele ganha a vida, em oposição ao amador, que realiza tarefas sem preocupação consciente e calculada com seu valor de troca no mercado. Enquanto este encara o trabalho como um “passatempo”, aquele segue a sua “vocação”. (FREIDSON, 1998, p. 148).

Wilensky (apud MARINHO, 1986, p. 27) acredita que o que distingue uma profissão de uma ocupação são duas características básicas:

- a) toda profissão baseia-se em um corpo de conhecimento sistemático ou doutrinário adquirida somente por meio de um treinamento formal;
- b) o profissional é orientado por um conjunto de normas profissionais.

Moore (apud MARINHO, 1986, p. 28) trata mais sistematicamente o conceito, definindo profissão a partir de uma série de características. Toda profissão, segundo ele:

- a) é uma ocupação de tempo integral;
- b) é caracterizada pela vocação do profissional;
- c) possui organização e, em geral, adota um código de ética, que normatiza a conduta profissional;
- d) possui um corpo de conhecimento formal (normalmente adquirido por meio do ensino superior);
- e) possui orientação para o serviço;
- f) possui autonomia.

Devido ao crescimento e importância das profissões no século XX, algumas mudanças estruturais estão ocorrendo no mercado de trabalho, especialmente em relação aos empregos do setor formal, com carteira assinada e direitos trabalhistas, que estão em declínio.

Em contrapartida, crescem atividades no setor informal, caracterizadas normalmente por baixos salários e desrespeito às normas ambientais e trabalhistas; e atividades terceirizadas, centradas na prestação de serviços e que chegam a alcançar 2/3 das ocupações de uma economia moderna como a do Brasil (DOWBOR, 2001).

Dentre as mudanças que vêm ocorrendo está a profissionalização das ocupações, que consiste na transformação de determinadas ocupações em profissões.

Wilensky (apud MARINHO, 1986, p. 31) concluiu, depois de comparar a história de 18 profissões, que o processo de profissionalização de uma ocupação, via de regra, cumpre algumas etapas: “o trabalho torna-se uma ocupação de tempo integral; criam-se escolas para treinamento; cria-se a associação profissional; a profissão é regulamentada e adota-se um código de ética”.

Freidson (1998, p. 150) acredita que algumas tarefas “desaparecerão totalmente, outras se fundirão em novas combinações, outras retornarão a amadores que trabalham sozinhos ou com outros, e outras mais deixarão as mãos de amadores e serão profissionalizadas”.

Uma ocupação tradicional que tem caminhado rumo à profissionalização é a do contador de histórias.

### 3 O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Vivemos hoje, inegavelmente, em uma sociedade globalizada, e certamente temos alguns privilégios que gerações passadas sequer imaginavam, tais como o desenvolvimento de redes de comunicação, o progresso da informática, da medicina, da ciência e o acesso à informação em tempo real.

Resta saber, porém, até que ponto a possibilidade de acesso a outros valores e culturas está a serviço do espaço e respeito à diversidade. O que se apresenta, muitas vezes, é uma unificação e padronização de gostos e atitudes, consumo e produção, resultando em massificação cultural e social.

Na verdade, a globalização não é um fenômeno recente. De Masi (2006, p. 186) acredita que aquela de que se fala hoje “representa o êxito mais elaborado de uma eterna tendência humana de explorar e depois colonizar todo o território que ainda exista, até fazer dele um vilarejo sob controle”.

Contar histórias, para preservar a própria história é, portanto, uma forma de resistência à imposição, tantas vezes cruel, das nações dominantes.

Sisto (2001, p. 40) acrescenta que “contar histórias nunca é uma opção ingênua. É uma maneira de olhar o mundo”.

Desde sempre, o homem contou histórias, deu vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, alegrias, angústias e prazeres de sua existência. Em tempos passados era ao redor de uma fogueira que pessoas se reuniam para escutar os mais velhos narrarem suas aventuras, lembranças e ensinamentos.

A palavra pronunciada era legitimadora, verdadeira, incontestável. Ainda hoje, a oralidade norteia a cultura popular, mas o narrador tradicional, aquele que se servia exclusivamente da “oratura”, vem desaparecendo.

Zumthor (1993, p. 18) menciona a existência de três formas distintas de oralidade: a *primária*, aquela em que não se tem nenhum contato com a escrita; a *mista*, onde a oralidade convive com a escritura apesar de exercer pouca influência no cotidiano; e a

*secundária* em que a apropriação da escrita possibilita a manutenção do oral. O contador de histórias tradicional, portanto, é aquele que faz uso da oralidade primária.

Segundo Matos (2005, p. XVII) a presença do contador de histórias ressurgiu a partir da década de 1970 em vários países do mundo. Foi um retorno no mínimo surpreendente, tendo em vista a industrialização e urbanização das cidades, e à enorme gama de estímulos científicos e tecnológicos que existem na sociedade contemporânea.

Em fevereiro de 1989, foi realizado um colóquio internacional em Paris, no “Musée National des Arts e Traditions Populaires”, onde se reuniram 350 participantes, com representação de quatorze países, e que teve como objetivo avaliar o impacto social e cultural da volta dos contadores de histórias nos países em que o fenômeno se manifestava com maior vigor (MATOS, 2005, p. XVIII).

Esses narradores afirmaram que seu retorno, entre outras coisas, representava uma reação à tecnologia e a tudo mais que a acompanha, como o consumismo, o imediatismo e a superficialidade e descartabilidade das relações.

A valorização da cultura popular e dos contos tradicionais por intermédio da narração de histórias é muitas vezes uma maneira de resguardar a origem e a própria história de cada localidade ou região, especialmente levando-se em conta a influência política, econômica e social que os países hegemônicos exercem sobre os demais<sup>1</sup>.

Embora o objeto de trabalho seja o mesmo, o contador de histórias contemporâneo apresenta características bem distintas do contador tradicional.

O contador de histórias do século XXI apresenta seu trabalho por meio de espetáculos de narração oral, performances artísticas elaboradas, com o domínio de técnicas corporais e vocais e critérios de seleção para a escolha de histórias.

Performance é a vida dada ao texto pelo narrador, por meio da sua voz. Ou, ainda “um ato de comunicação que se distingue de outros atos da fala principalmente por sua função expressiva ou poética” (BUSATTO, 2005, p. 26).

Shedlock (apud BUSATTO, 2005) acredita que contar histórias é uma performance de alto padrão e muito mais difícil que representar um papel no palco. O contador de histórias, na verdade, atua numa área muito próxima às artes cênicas. O que difere a contação do

---

<sup>1</sup> Cornelia Hoogland, em relato oral na oficina de narração de histórias (UFSC, 2002).

espetáculo cênico são marcas quase imperceptíveis, a relação estabelecida pelo olhar de quem conta e seus ouvintes provavelmente é a mais nítida. É o olhar o fio que conduz, o elo que liga o narrador à platéia.

Além disso, não há uma encenação e uma construção marcada de personagens, e sim uma narração de fatos, que, embora possa ser exaustivamente ensaiada, se propõe a aparentar a mais perfeita simplicidade e naturalidade. É por isso que Shedlock (2004, p.23) conclui que “contar histórias é a arte de esconder a arte”.

A contação pode complementar-se também com a utilização de outras artes como a música, a dança, a poesia, a declamação, a mímica, as artes plásticas... Não existem regras fixas, alguns utilizam elementos (objetos), outros preparam cenários e figurinos sofisticados, enquanto há aqueles que utilizam somente a sua própria voz com grande maestria e são capazes de manter a platéia atenta por bastante tempo. Cada um determina a sua maneira de narrar. Os contadores se apresentam em grupos, duplas ou sozinhos.

O que define também o contador contemporâneo é o fato de ser urbano, ou seja, vive e trabalha na cidade, ali também se manifestando. E carrega consigo as marcas de seu tempo, apropriando-se dos recursos tecnológicos e dos meios de comunicação em sua performance. Isso se traduz na crescente comercialização de livros e multimeios (tais como VHS, CD e DVD) produzidos por contadores.<sup>2</sup>

Além disso, há também uma proliferação de sites e blogs na Internet, com o intuito de divulgar contadores, eventos, comercializar produtos e possibilitar fóruns de discussão<sup>3</sup>.

Para o desenvolvimento de seu trabalho o contador da atualidade utiliza como fonte de pesquisa principalmente registros escritos, pouco fazendo uso de registros orais como o contador tradicional. Ele baseia-se tanto em livros de contos populares, que são relatos orais e tradicionais de criação coletiva recolhidos por folcloristas<sup>4</sup>, quanto em textos autorais: contos, crônicas, poesias, cordéis, de autores contemporâneos ou não, ou até mesmo do próprio contador.

---

<sup>2</sup> Cito, a título de exemplo, contadores que documentaram seus trabalhos em CD, DVD e VHS: Margarida Baird e Conta-contos (SC), Cléo Busatto (PR); Priscila Camargo, José Mauro Brandt e Bia Bedran (RJ); Paulo Freire (SP); Roberto Carlos Ramos e Roberto de Freitas (MG).

<sup>3</sup> Como é o caso do site: <<http://www.rodadehistorias.com.br>>.

<sup>4</sup>No Brasil poder-se-ia citar Lindolfo Gomes, Câmara Cascudo e Monteiro Lobato, entre tantos outros.

Seu campo de atuação é amplo e variado, podendo apresentar-se em eventos esporádicos, assim como regularmente em (BUSATTO, 2003; RIBEIRO, 2006; SISTO, 2001): hospitais; escolas; bibliotecas; centros culturais; museus; teatros; empresas; cafés; livrarias; lojas de brinquedos; festas de aniversário (infantis e adultas), casamentos, reuniões familiares.

#### **4 O CONTADOR DE HISTÓRIAS NO BRASIL**

Ainda se encontra nos rincões escondidos desse país, a figura do contador tradicional, que continua a transmitir conhecimentos pela palavra oral.

Mas é principalmente a partir da década de 1990 que o *boom* dos contadores de histórias se manifesta por aqui. Alguns autores, como Sisto (2001, p. 60) acreditam que isso se deu especialmente pela difusão das bibliotecas no país e pelo reconhecimento de que elas não poderiam ser apenas depósitos de livros, mas organismos dinâmicos de promoção da leitura.

É possível que o Proler, Programa Nacional de Incentivo à Leitura, (instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992 e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura) tenha contribuído para a proliferação dos contadores de histórias no Brasil, haja vista que considerava essa prática fundamental para implementar o gosto pela leitura e o consumo de livros.

O Proler tem como objetivo principal “promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania” (PROLER, 2006). Um de seus três eixos de ação é justamente a formação continuada de promotores de leitura.

Assim como ocorre com profissionais ligados a área artística, os contadores de histórias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais se destacam nacionalmente, até mesmo pelo fato de terem mais visibilidade na mídia. De qualquer forma, o crescimento da figura do contador de histórias é uma constante na maioria dos estados do país (SISTO, 2001).

Diversos encontros têm reunido contadores de histórias em todo o mundo. Apenas no período de abril a agosto de 2006, onze eventos de porte internacional ocorreram em países como Argentina, Bolívia, Espanha, Colômbia, Canadá, Peru e Brasil, com: “Boca do céu” em São Paulo, o “VI Simpósio Internacional de Contadores de Histórias” no Rio de Janeiro, e o “I Encontro Internacional de Contadores de Histórias”, no Ceará. Segundo RODA (2006), outros eventos ainda ocorreram em Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Santa Catarina.

## **5 O CONTADOR DE HISTÓRIAS EM FLORIANÓPOLIS**

No município de Florianópolis, o Serviço Social do Comércio – SESC desempenha um importante papel na formação de contadores de histórias, com um programa que parte do princípio “que a narração de fatos reais ou de ficção estimula a criatividade, a concentração e o autoconhecimento” (SESC, 2006).

Segundo seu material promocional<sup>5</sup>, são dois os cursos oferecidos, ambos totalizando 60 h /a:

- O Curso Básico, que propõe a iniciação no vasto imaginário da narrativa. É dividido em cinco etapas, que abordam: conceitos básicos; identificação dos elementos da narração; técnicas vocais e corporais; preparação para contar uma história e ao final, uma apresentação pública.

A apresentação pública resultante desta formação é intitulada “Mostra Catarinense de Contação de Histórias”, um evento onde grupos que trabalham a cultura popular, grupos de contadores de histórias catarinenses e alunos formados na oficina apresentam-se em espaços como hospitais, asilos, creches, presídios, escolas, favelas, praças, bibliotecas e empresas.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Disponibilizado no site: [www.sesc-sc.com.br](http://www.sesc-sc.com.br)

<sup>6</sup> Os objetivos do Sesc com essa Mostra é de movimentar a cidade por meio da contação de histórias; promover os recursos da cidade na área de narrativas orais e identificar a identidade cultural da cidade. Além disso, disseminam as políticas culturais do SESC, que compreendem: a formação de platéias; a utilização de espaços alternativos; a agregação de valor aos produtores e produtos culturais locais e regionais; a configuração de identidade cultural catarinense em oposição a uma homogeneização de identidade nacional (SESC, 2006).

- O Curso Intermediário, onde a abordagem teórica é aprofundada, resultando na montagem de espetáculos.

A partir desses cursos, alguns grupos de contadores de histórias se formaram, como é o caso, em Florianópolis, dos grupos “História Fiada”, “Tenterê”, “Fuxicando” e “Do Arco da Velha”.

Essa proposta parece ser exitosa quando se considera o número de pessoas que já se habilitaram na arte de contar histórias, em todo estado, cerca de quatro mil<sup>7</sup>. Os participantes são: professores, bibliotecários, psicólogos, recreadores, atores, mímicos, músicos, estudiosos da literatura, escritores, aposentados, donas-de-casa, como também avós, pais, entre outros interessados.

Além desta formação, O SESC desenvolve também um programa de circulação de espetáculos pelas suas unidades do estado, o *Baú de Histórias - circuito catarinense de narrativas*, que realiza duas turnês anuais. O circuito mantém espetáculos de contação, tendo por tema a literatura e a tradição oral.

Ainda há quatro anos consecutivos, o Sesc realiza a “Maratona de Contos de Florianópolis”, onde diversos contadores se revezam entre uma história e outra durante 12 horas ininterruptas. Segue o exemplo de outras maratonas, como a realizada anualmente no Rio de Janeiro, durante 24 horas e a de Guadalajara, na Espanha, onde se narram histórias por 46 horas, sem intervalos, e que já se encontra em sua 15ª edição. (MARATÓN, 2006).

Outra iniciativa a destacar é a Oficina Permanente de Narração de Histórias, que desde 1998, realiza reuniões mensais na Universidade Federal de Santa Catarina.<sup>8</sup> Este projeto não tem a pretensão de formar contadores profissionais, trata-se de encontros informais com o objetivo de aprofundar e disseminar o conhecimento e a prática da narração oral de histórias como forma de comunicação e de expressão cultural.

## 6 CONCLUSÃO

---

<sup>7</sup> Os cursos de formação de contadores de histórias são oferecidos em várias unidades do SESC em Santa Catarina: São Bento do Sul, Joinville, Jaraguá do Sul, Blumenau, Brusque, Itajaí, Tubarão, Rio do Sul, Laguna, Lages, Florianópolis, Estreito, Criciúma, Concórdia, Chapecó e Xanxerê.

<sup>8</sup> Esta oficina foi idealizada e é coordenada pela professora Gilka Girardello.

Percebo que na grande maioria das vezes, é o estímulo à leitura, tão importante e desejada atualmente, um dos vieses que faz com que as escolas abram espaço para a narração de histórias. E é também por isso, que os estabelecimentos de ensino incentivam professores e bibliotecários a buscar instrumentos para o aperfeiçoamento dessa prática.

Embora grande parte dos contadores de histórias sejam também professores, bibliotecários, atores (entre outros), há alguns que vivem exclusivamente desse trabalho.

Relacionando esse movimento às definições dos teóricos da sociologia das profissões, constata-se que há um crescimento do número de pessoas que passa a ocupar-se integralmente com a contação de histórias. A formação para esta ocupação tem se institucionalizado e há uma proliferação de cursos e oficinas de curta duração sendo realizados em diversos espaços.

Concomitante a isso, as relações entre pessoas que realizam este trabalho são sólidas, o que pode ser percebido pelos diversos eventos e encontros que têm se realizado nos últimos anos, além dos fóruns de discussão virtuais, blogs e sites na Internet.

Há também um corpo de conhecimento formal que se apóia em outras áreas, tais como: educação, psicologia, antropologia e literatura. Além disso, os contadores de histórias têm publicado livros acerca de suas reflexões, e há também um crescimento de dissertações e teses sobre o assunto.

Todavia, ainda não há uma regulamentação desta ocupação e nem um código de ética.

Tendo em vista as definições da sociologia das profissões, acredito que o contador de histórias ainda não possa ser classificado como um “profissional”, no entanto, a sua prática se consolida como uma ocupação com uma crescente demanda de serviços, e ruma, num futuro não muito distante, a uma profissionalização.

Temo, porém, que a relação com os mercados consumidores desse serviço, que vem se construindo e ampliando, possa influenciar negativamente os ideais originais da narração oral de histórias e, ao contrário de ser uma forma de resistência e de celebração do encontro da coletividade e diversidade (como propunha o discurso dos contadores de histórias que se reuniram no primeiro colóquio realizado em Paris, em 1989), se ponha a serviço da espetacularização e da indústria cultural massificada, passando a ser somente mais um produto de consumo.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Gladis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bittencourt. **Hora do conto:** da fantasia ao prazer de ler. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1995.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

BUSATTO, Cleomari. **Narrando histórias no século XXI:** tradição e ciberespaço. 132 f. 2005. Dissertação (Mestrado em literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho:** fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

DOWBOR, L. **O que acontece com o trabalho.** São Paulo: Senac, 2001.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo:** teoria, profecia e política. São Paulo: Edusp, 1998.

MARATÓN de los cuentos. Disponível em: <<http://www.maratondelos cuentos.org/>>. Acesso em: ago. 2006.

MARINHO, Marcelo Jacques Martins da Cunha. **Profissionalização e credenciamento:** a política das profissões. Rio de Janeiro: SENAI, 1986.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias:** sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PROLER. Disponível em: <<http://www.bn.br/site/pages/fundacao/Leitura/proler.htm>>. Acesso em: ago. 2006.

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos dourados:** a arte de ouvir as histórias (...para depois contá-las...). São Paulo: Ave Maria, 2006.

RODA de histórias. Disponível em: <<http://www.rodadehistorias.com.br>>. Acesso em: ago. 2006.

SESC. Disponível em: <<http://www.sesc-sc.com.br/cultura>>. Acesso em: ago. 2006.

SHEDLOCK, Marie. Da introdução de A arte de contar histórias. In: GIRARDELLO, Gilka. (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias.** Florianópolis: SESC, 2004.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte da narrar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

UMBELINO, Janaína Damasco. **A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do Pró-leitura**. 121 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Cia das letras, 1993.

#### **ABSTRACT**

It discusses the revival of the storyteller in his/her contemporary configuration, from the last decades of the 20<sup>th</sup> century. It shows what has been happening, mainly in Florianópolis city, Brazil, in relation to this movement. It presents the basic characteristics of his/her work and commits it self to analyzing if this new job fits in the definitions of “professions” displayed by some scholars of the sociology of professions.

**KEYWORDS:** Storyteller. Professions. Oral narrative.

*Originais recebidos em 12/06/2006*

*Texto aprovado em 15/03/2007*